



DECLARAÇÃO FINAL DO V ENCONTRO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS POPULARES

Organizar a esperança com uma aliança contra a exclusão

Reunidos em Roma, de 21 a 24 de outubro de 2025, no nosso V Encontro Mundial realizado no Spin Time Labs –uma comunidade organizada onde a solidariedade e a esperança se tornam realidade para aqueles que o sistema descarta–, reconhecemo-nos como povos em caminho, cheios de vida solidária e fraterna, mas também conscientes do sofrimento vivido por nossos irmãos e irmãs nas periferias deste planeta e da dor que atravessamos neste tempo difícil que nos desafia e interpela.

Queremos compartilhar com o mundo esta mensagem, fruto de um processo coletivo iniciado em 2014 com o papa Francisco, para fortalecer o diálogo entre a Igreja e os movimentos populares, no qual testemunhamos com grande clareza a necessidade de terra, teto e trabalho para todos, como base da justiça social.

No atual contexto de desigualdade crescente e de profundas transformações, constatamos novos desafios que não nos deixam indiferentes e que, como humanidade, precisamos transformar para que todas as pessoas possam viver com plena dignidade.

Vivemos em um mundo fraturado, ferido pela violência, pela injustiça e pelo desprezo à dignidade humana.

Os sinais dos tempos nos confrontam com dureza. Hoje existem mais de 50 conflitos armados ativos no mundo, o maior número registrado desde a Segunda Guerra Mundial, que semeiam morte e desolação. Em apenas 23 meses de guerra na Palestina, mais de 20 mil crianças perderam a vida.

As desigualdades econômicas se agravam sem cessar: o 1% mais rico da população mundial acumula mais riqueza do que os 99% restantes, concentrando um poder que influencia as decisões políticas globais, marginalizando os mais vulneráveis e violando a dignidade inalienável de cada pessoa.

A **precariedade do trabalho** se aprofunda em escala mundial, com a informalidade atingindo 60% dos trabalhadores e trabalhadoras, chegando a alarmantes 80% em alguns países. Isso significa que a grande maioria da humanidade trabalha sem direitos básicos nem proteção social.

Não se trata de um problema residual, mas de um processo ativo de precarização impulsionado pelo sistema econômico, que gera uma exclusão massiva do mundo do trabalho formal. Diante dessa realidade, milhões de pessoas não se resignam: inventam o próprio trabalho a partir das margens para sobreviver: catadores, vendedores ambulantes, trabalhadores da terra, cuidadoras comunitárias, costureiras e tantos outros. Contudo, embora criem comunidade e sustentem a vida, os trabalhadores e trabalhadoras da economia popular continuam sem acesso a direitos fundamentais.

O desemprego, as condições precárias, a sinistralidade e as doenças laborais, os salários miseráveis todos são faces distintas da mesma moeda de violação do direito ao trabalho digno.

Em 2024, mais de 2.500 migrantes morreram ou desapareceram tentando atravessar o Mediterrâneo rumo à Europa, fugindo da guerra, da fome e da desesperança. Porém, em vez de acolhida e cuidado, encontramos um crescimento alarmante do ódio contra os pobres. As autoridades europeias continuam criminalizando o resgate marítimo realizado pelos barcos da sociedade civil organizados na *Civil Fleet*. A criminalização da solidariedade é um traço distintivo da desumanidade que mantém o mundo refém.

A essa tragédia soma-se a de milhões de pessoas sem moradia, sem um teto sob o qual possam se abrigar.

Os incêndios anuais que destroem milhões de hectares de florestas, a contaminação das águas, a exploração extrativista e a urgência de reparar os danos ambientais causados por um modelo predatório, assim como a chamada transição energética que desrespeita as terras dos povos, associada à exploração excessiva de minerais para as novas tecnologias e para a indústria bélica tudo isso revela um modelo que não apenas destrói o planeta, mas também perpetua a violência de gênero, causando sofrimento e morte a milhares de mulheres.

Ao mesmo tempo, intensifica-se a criminalização da pobreza e das lideranças sociais. Reivindicamos também o direito universal à saúde e aos cuidados médicos como condição indispensável para uma vida digna.

Os movimentos populares têm mártires: irmãos e irmãs que deram a vida por sua coerência militante e sua luta pela justiça, pela terra, pelo teto e pelo trabalho, bem como muitos perseguidos e presos por defenderem a dignidade dos excluídos.

Contudo, em meio a essas sombras, não estamos sozinhos. O papa Francisco nos acompanhou com seu testemunho profético, cujo chamado a uma Igreja em saída, samaritana e misericordiosa, animou nossa caminhada. Agora, o papa Leão XIV nos assegurou que está conosco, encorajando-nos a perseverar na missão de levar esperança às periferias.

Próximos passos: o que propomos ao concluir o V Encontro Mundial dos Movimentos Populares

O papa Leão XIV, em sua mensagem ao Encontro, nos convidou a refletir sobre as “coisas novas” que somos chamados a realizar com e para aqueles que vivem nas periferias de nossas comunidades: “As coisas novas vistas a partir da periferia e o vosso esforço, que não se limita a protestar, mas também busca soluções”, disse o papa Leão XIV.

Quais são essas coisas — as novas estratégias e ferramentas — que devemos considerar para fortalecer nossos movimentos, aprofundar nosso vínculo com a Igreja, atender às necessidades materiais de nossos irmãos e irmãs nas periferias e renovar a face da terra?

1. Comprometer-nos com ações estruturais, econômicas e políticas que nos unam

Propostas para o desenvolvimento humano integral, identificadas esta semana nos pilares de Terra, Teto e Trabalho:

Direito ao trabalho digno e seguro: reconhecimento das atividades realizadas por pessoas em condições de extrema precarização, garantindo sua segurança e saúde no trabalho.

Direitos trabalhistas e sociais universais: promover uma renda básica universal como reconhecimento do trabalho não remunerado e como garantia de subsistência; reduzir a jornada de trabalho para redistribuir o emprego e melhorar a qualidade de vida. Garantir o acesso universal à educação e à saúde pública de qualidade.

Paz com justiça social: rejeitar e denunciar ativamente as guerras e os genocídios, que sempre atingem com mais força os povos empobrecidos, e promover a resolução pacífica dos conflitos.

Soberania econômica: lutar pela anulação das dívidas externas ilegítimas que sufocam nossos países e condicionam as políticas públicas em detrimento do povo.

Igualdade de gênero: combater ativamente a violência machista e todas as formas de opressão contra mulheres e diversidades, promovendo seu protagonismo em nossas organizações e na sociedade.

Democracia popular: fortalecer a participação e o poder popular para enfrentar as elites econômicas e financeiras que hoje sequestram a democracia.

Direitos das pessoas migrantes: defender a plena cidadania e os direitos das pessoas migrantes e refugiadas, combatendo o ódio aos pobres, a xenofobia e as políticas repressivas.

Justiça ecológica e soberania sobre os bens comuns: enfrentar a crise climática a partir da perspectiva dos povos, rejeitando o modelo extrativista e as falsas soluções que mercantilizam a natureza, defendendo nossos territórios.

2. Fortalecer nossas plataformas como movimentos populares e como Igreja

Sabemos que nossos movimentos só poderão avançar se superarmos o isolamento e a fragmentação. Não basta fortalecer apenas nossas comunidades ou organizações: é necessário tecer alianças mais amplas, redes de redes, que articulem o local e o global. Somente uma comunidade verdadeiramente organizada pode sustentar processos de transformação duradouros e uma solidariedade que não deixe ninguém para trás.

Propomos levar às nossas comunidades locais, cidades e regiões a plataforma desenvolvida aqui em Roma, juntamente com a mensagem do papa Leão XIV, às Igrejas e dioceses locais. Queremos promover novas formas de presença e testemunho que ajudem a despertar a consciência de amplos setores de nossos países e inspirem mais pessoas.

Afirmamos a necessidade de renovar nossa aliança mundial, tecida a partir de cada território e experiência local, entre movimentos organizados, sociedade civil, Igreja Católica e todas as tradições religiosas que compartilham o sonho de um mundo centrado na pessoa humana e em sua dignidade, e não no lucro. Uma aliança capaz de unir homens e mulheres de boa vontade para construir uma humanidade baseada na fraternidade, na igualdade e na justiça, onde a paz e a justiça se abraçam.

3. Desenhar novas estratégias de políticas públicas

Propomos desenvolver estratégias que partam sempre da base: das necessidades, histórias e realidades locais, e que deem origem a campanhas regionais e nacionais capazes de influenciar as estruturas e sistemas desumanos.

O que mais se necessita neste momento é envolver nossas comunidades –pequenas e grandes– para agir de forma coerente em nossos territórios, aproximando-se do sofrimento causado às pessoas vulneráveis. Isso deve ocorrer de maneira contínua e coerente, manifestando uma solidariedade cada vez mais profunda.

Essas ações locais devem entrelaçar-se em manifestações coordenadas de solidariedade em nível regional, nacional e internacional.

4. Globalizar a luta dos movimentos populares e fortalecer nossa capacidade comunicativa e de unidade

Precisamos erguer nossa voz e tornar visíveis as realidades das periferias, rompendo o cerco midiático que nos invisibiliza ou estigmatiza. Nossa força está na organização, mas, para alcançar as transformações que este tempo exige, devemos ampliar nossa base social e envolver novos setores na luta por Terra, Teto e Trabalho.

Propomos desenvolver novas formas de participação e comunicação que formem atitudes e convicções baseadas na solidariedade e no cuidado com a Casa Comum.

Assumimos o desafio de implementar uma **m**udança narrativa que confronte os discursos de ódio e de resignação, afirmando quem somos, quem representamos e por que lutamos, conectando-nos com os valores e aspirações profundas de nossos povos.

Também devemos orientar o desenvolvimento tecnológico para que promova o desenvolvimento humano integral das comunidades, e não os interesses do capital financeiro e especulativo. Ocuparemos ativamente o espaço digital, utilizando a tecnologia, os dados e as ferramentas virtuais não apenas para difundir nossa mensagem, mas, sobretudo, para fortalecer a organização, a mobilização e a participação de nossa base social, articulando a ação on-line com a luta territorial.

Agradecemos profundamente as palavras do papa Leão XIV: “Estou com vocês!” Um apoio de imenso valor para caminharmos juntos — Igreja universal e local — nas estratégias de não violência ativa que desenvolvemos como denúncia e ação profética contra a exclusão e a desumanidade.

Spin Time, 24 de outubro de 2025